

Nos EUA, o clima não é otimista

O reinício das conversações preliminares entre o FMI e o Governo brasileiro, esta semana, encontra os bancos americanos vivendo um período de incerteza quanto à estabilidade econômica do Brasil, consequência, em grande parte, da doença do Presidente Tancredo Neves. Embora muitos banqueiros afirmem que a liderança civil no Brasil mostrou sua capacidade de conduzir o país num momento de crise, o clima está longe de ser otimista.

Para chegar a um acordo com os bancos é preciso, primeiro, chegar-se a um entendimento com o FMI, justamente o que a equipe econômica brasileira pretende começar a fazer em Washington, onde — *a priori* — a posição do Fundo parece ser de ceticismo quanto à possibilidade de o Brasil cumprir suas metas. O país, durante os dois últimos anos, entregou nada menos de sete Cartas de Intenção ao Fundo e não cumpriu nenhuma.

O que o FMI quer, entre outras coisas, é a redução do ritmo da inflação de 234% ao ano e o próprio presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, já disse, em Nova Iorque, que o Brasil buscará metas realistas que possam ser cumpridas. A questão é saber onde essas metas realistas acabarão indo parar, espremidas entre os costumeiros pedidos de austeridade do FMI e uma pressão crescente de sindicatos e do poder legislativo no Brasil. Só com um acordo entre o FMI e o Brasil, os bancos retomarão as conversações e, segundo o próprio Lemgruber, esse acordo sairá em maio.

O acordo tem até uma data limite, 31 de maio, quando vence a segunda prorrogação dada pelos bancos, durante a qual se comprometem a manter inalterados os limites de linhas no interbancário e de créditos para a exportação.

Segundo a revista **Businesweek**, em sua última edição, sem um programa efetivo de austeridade, as conversações do Brasil com o Fundo poderão ser torturantes. A revista observa que um impasse prolongado poderá acabar com as esperanças de manter o problema da dívida latino-americana, como um todo, nos trilhos. Talvez a lição mais importante seja a de que a crise da dívida, se algum dia foi embora, está de volta.

A possibilidade de um impasse nas negociações vem no pior momento possível para os bancos americanos. Segundo uma revisão da **performance** dos 200 maiores bancos dos EUA, feita pela **Businesweek**, o ganho líquido desses bancos americanos caiu 2% em 84, após um ganho de 8% em 83. Os mais atingidos foram justamente os 25 maiores bancos dos EUA, cujos ganhos caíram 21%. A maior parte dessa queda derivou de problemas com bancos como o **Continental Illinois**, de Chicago, mas pelos menos seis dos 25 maiores bancos da América tiveram declínios em seus ganhos no ano passado.

As perdas foram, em grande parte, derivadas de maus empréstimos internos a setores como companhias de energia, fazendeiros e especuladores imobiliários, mas os problemas com a dívida dos países do Terceiro Mundo também cobraram a sua parcela. Para este ano os analistas esperam que a situação dos bancos melhore, desde que haja um crescimento de novos empréstimos saudáveis e que as taxas de juros mudem pouco, pelo menos na primeira metade de 85, e depois comecem lentamente a subir.